

## TRAJETÓRIAS DE LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS À FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NO NORTE DO CEARÁ<sup>1</sup>

Isaurora Cláudia Martins de Freitas<sup>2</sup>  
Rosângela Duarte Pimenta<sup>3</sup>  
Diocleide Lima Ferreira<sup>4</sup>

**RESUMO:** A pesquisa analisa as trajetórias de jovens licenciandos em Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), tentando perceber os desafios que o perfil destes impõe ao processo de formação de professores de sociologia para a educação básica, sobretudo em cidades interioranas. Localizada em Sobral, na região norte do Ceará, a UVA recebe alunos de cerca de 50 municípios da região, em sua maioria egressos de escolas públicas e pertencentes a famílias de baixa renda. Analisando as histórias de vida traçamos o “tipo ideal” dos licenciandos e refletimos sobre as implicações que suas trajetórias trazem para pensar, em termos teóricos e metodológicos, a formação docente. A pesquisa tomou como principal recurso metodológico a leitura dos memoriais de formação dos estudantes em questão. A análise dos memoriais apontou para o seguinte perfil: boa parte dos jovens ingressaram nas ciências sociais após tentativas frustradas de entrar em outras graduações; são oriundos de outros municípios da região e para chegarem a Sobral enfrentam deslocamentos diários de até quatro horas (ida e volta); constituem a primeira geração de universitários da família.

**Palavras-chave:** Trajetórias; licenciandos; sociologia; formação de professores.

### THE TRAJECTORIES OF STUDENTS MAJORING IN SOCIAL SCIENCES: THE CHALLENGES OF TRAINING SOCIOLOGY TEACHERS FOR BASIC EDUCATION IN THE NORTH OF CEARÁ

**ABSTRACT:** This study analyzes the trajectories of young Social Sciences majors of the *Universidade Estadual Vale do Acaraú* (UVA), trying to understand the challenges that their profile imposes on the process of training teachers of sociology for basic education, especially in inner cities. Located in Sobral, in Northern Ceará, the UVA

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, ocorrido em setembro de 2013, em Salvador (BA).

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia, professora adjunta do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU). E-mail: [isaurora68@gmail.com](mailto:isaurora68@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Sociologia, professora adjunta do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú, coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Prática de Ensino de Sociologia (NUPES) e coordenadora de área do subprojeto de Ciências Sociais PIBID-UVA. E-mail- [rosangelapimenta@yahoo.com.br](mailto:rosangelapimenta@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Doutora em Ciências Sociais, professora adjunta do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú e coordenadora de área do subprojeto de Ciências Sociais PIBID-UVA. E-mail: [diocleidelima@hotmail.com](mailto:diocleidelima@hotmail.com)

receives students from around 50 municipalities of the region, in their majority coming from public schools and belonging to low-income families. By analyzing their life stories we have sketched the “ideal type” of Social Sciences major and reflected on the implications that their trajectories bring, so we can think of teacher training in both theoretical and methodological terms. The study took as its main methodological resource reading the memorials of the training of the students in question. The analysis of the memorials pointed to the following profile: A great part of these young people enrolled in Social Sciences after unsuccessful attempts to enter other graduation courses; they come from other municipalities in the region and in order to get to Sobral they face daily trips of up to four hours (round trip); they constitute the first generation of university students in the family.

**Key-words:** Trajectories; Social Sciences majors; sociology; teacher training.

## **INTRODUÇÃO**

A pesquisa analisa as trajetórias sociais e educacionais de jovens licenciandos do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), tentando perceber os desafios que o perfil dos formandos impõe ao processo de formação de professores de sociologia para a educação básica, sobretudo em cidades de pequeno e médio porte, distantes de capitais e grande centros urbanos.

Localizada em Sobral, cidade pólo da região norte do Ceará, a UVA recebe alunos de cerca de 50 municípios da região. Atualmente são 9.271<sup>5</sup> estudantes de graduação, em sua maioria egressos de escolas públicas (60,11%) e pertencentes a famílias de baixa renda (79,94%)<sup>6</sup>. Analisando as histórias de vida dos alunos do curso de Ciências Sociais da referida universidade, traçamos o “tipo ideal” dos licenciandos e refletimos sobre as implicações que suas trajetórias de vida trazem para pensar em termos teóricos e metodológicos a formação docente. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada tomando como principal recurso metodológico a leitura dos memoriais de formação dos estudantes em questão.

O memorial foi adotado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos licenciandos em Ciências Sociais da UVA, a partir da reforma curricular realizada no ano de 2006. Como ferramenta que proporciona a narrativa das

---

<sup>5</sup> Dados referentes ao semestre 2013.1. Fonte: Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD) da UVA.

<sup>6</sup> Fonte: UVA em Números 2011. Disponível em:  
[http://www.uvanet.br/documentos/numeros\\_e3a4655b7494f78bbe53b6ade215f23d.pdf](http://www.uvanet.br/documentos/numeros_e3a4655b7494f78bbe53b6ade215f23d.pdf)

experiências vividas antes e durante a entrada na universidade, o memorial constitui um tipo de escrita que tem como principal objetivo desencadear a reflexividade, elemento considerado de fundamental importância no processo de formação do educador, uma vez que, articulando memória, experiências e narrativa possibilita a quem o produz refletir sobre suas ações, atitudes e crenças, buscando nexos, relações e sentidos entre o passado e o presente que permitam entender e fazer entender o que se fez e o que se faz, as relações entre o que se fez e o que se faz e, sobretudo, as razões de ter feito ou de fazer de tal forma. Desse modo, o formando se coloca como protagonista da sua própria formação.

Apesar de ser um texto predominantemente narrativo, o memorial não prescinde de uma reflexão teórica que permita ao futuro educador buscar as correlações entre a sua prática profissional e as teorias às quais teve acesso ao longo da sua formação. Assim, o memorial é também um instrumento de construção de conhecimento pedagógico (PRADO e SOLIGO, s/d) e de exercício da imaginação sociológica, que consiste na capacidade de articulação entre a vida de um indivíduo e a história da sociedade e, assim, “apreender a interação de homens e sociedade, de biografia e história, de eu e do mundo.” (MILLS, 2009, p.82).

A ideia de tomar os memoriais como aporte metodológico privilegiado para a produção de conhecimento sobre a realidade dos licenciandos em Ciências Sociais da UVA tem como referência as reflexões de Pierre Bourdieu (2005) e Norbert Elias (1995). Bourdieu percebe a trajetória como uma série de colocações e deslocamentos do indivíduo, no espaço social submetido a constantes transformações. Elias, por sua vez, afirma que só se compreende alguém mediante conhecimento dos anseios fundamentais que se deseja satisfazer, uma vez que o sentido que as pessoas atribuem à vida está ligado à realização ou não das aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes das experiências, ao contrário, os desejos são construídos gradualmente pelo convívio com os outros, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso de vida. Assim, a reconstituição das trajetórias dos universitários aqui referidos, feita através da leitura dos memoriais, permitiu a percepção dos reflexos das várias pertenças e deslocamentos na constituição do sistema de crenças,

anseios e práticas que orientam o encaminhamento de suas vidas no presente e seus projetos de futuro (FREITAS, 2006), com especial destaque para a escolha de se tornarem professores de sociologia no ensino médio.

Ao todo foram analisados trinta e um (31) memoriais. Este foi o número de memoriais apresentados até o primeiro semestre de 2013. A partir dos memoriais analisados foi possível perceber a diversidade de gênero e de origem geográfica (há estudantes do sexo masculino e estudantes do sexo feminino, da zona rural e da zona urbana) e a heterogeneidade de perfis individuais e de experiências vividas, apesar da intenção ser, como já dito anteriormente, conseguir um “tipo ideal” do licenciando em ciências sociais da UVA.

De acordo com Weber (1995), a sociologia é uma ciência que deve se ocupar em entender, pela interpretação, a ação social para explicá-la causalmente tanto no seu desenvolvimento como nos seus efeitos. Desse modo, a construção de tipos ideais constitui ferramenta metodológica fundamental na compreensão do sentido das ações sociais, sejam esses sentidos racionais ou irracionais. Trabalhar com tipos-ideais significa reconhecer que a sociologia na sua tentativa de “descobrir regras gerais do acontecer” (WEBER, 1995, p. 413) produz um conhecimento hipotético e fragmentário, pois a realidade é sempre mais complexa do que as nossas análises podem alcançar. A sociologia se afasta e se aproxima da realidade, contribuindo para seu conhecimento, na medida em que a enquadra numa teoria que indica o grau maior ou menor de aproximação de um fenômeno histórico com um ou vários conceitos típico-ideais.

Desse ponto de vista, dizer que estamos buscando construir o “tipo-ideal” do licenciando em Ciências Sociais da UVA, a partir das trajetórias sociais e educacionais de alguns deles, não significa que estamos tentando encontrar um tipo puro, uma univocidade no perfil dos estudantes do curso. Ao invés disso, encontraremos “aproximações e desvios desse tipo ideal em graus variados”. (BERGER, 1986, p.25).

O texto está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, apresentamos o perfil dos jovens cujos memoriais analisamos, enfatizando a pertença familiar e a trajetória

educacional de cada um, bem como reconstituímos as trajetórias de vida de duas jovens por considerarmos que são exemplos paradigmáticos do tipo de aluno com o qual lidamos na UVA. Na segunda parte, analisamos os motivos que levaram cada um deles a escolher o curso de licenciatura em Ciências Sociais como opção de graduação e refletimos sobre suas trajetórias acadêmicas e sobre os desafios que o perfil dos estudantes lança à formação do professor de sociologia para Ensino Médio.

### **Perfil e Trajetórias dos Licenciandos**

A graduação em Ciências Sociais da UVA foi criada em 1998 e nos primeiros anos do curso, que possui as modalidades licenciatura e bacharelado, a entrega de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) só era exigida para os bacharelados, o que demonstrava uma concepção de curso pautada na separação entre ensino e pesquisa. Corroborando um pressuposto comum na história dos cursos de Ciências Sociais do país desde os anos 1970, ou seja, a de que para ser professor não é necessário ser pesquisador (JARDIM; OLIVEIRA, 2012). Para Handfas (2012, p. 31), o binômio “ser professor” e “ser pesquisador” equivale ao binômio licenciatura e bacharelado.

O memorial de formação como requisito obrigatório para conclusão da licenciatura foi incorporado na UVA com a reforma curricular de 2006, inaugurando uma nova concepção na formação de professores que entende a pesquisa como elemento imprescindível à formação do professor. Dessa forma os primeiros memoriais apresentados às bancas examinadoras ocorreram no primeiro semestre de 2011. Desse período até o primeiro semestre de 2013, foram apresentados trinta e um (31) memoriais <sup>7</sup>.

Os memoriais fazem emergir dados que evidenciam um determinado perfil de alunos da licenciatura, inicialmente apresentaremos os dados mais gerais e, em seguida, apresentaremos duas trajetórias que consideramos significativas da realidade social, econômica e cultural de nossos discentes, evidenciando também a diversidade dos sujeitos investigados.

---

<sup>7</sup> A partir do segundo semestre de 2012, foi dado ao licenciando do curso a opção de elaborar como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) o memorial de formação ou a monografia. Até o momento somente quatro (04) monografias foram apresentadas como TCC da licenciatura.

Os egressos do curso de Ciências Sociais pertencem em sua maioria ao sexo feminino, que representam 71% do total de 31, enquanto os licenciados do sexo masculino representam apenas 29% do total. O índice dos que frequentaram toda a educação básica na escola pública é 58,1%, contra apenas 12,9% que cursaram o ensino fundamental e médio em instituições privadas. Os demais frequentaram escolas pública e privada durante sua trajetória escolar, com uma permanência maior no sistema público (22,6%) e apenas 6,5% estudaram um maior tempo em escolas privadas. Conforme quadro abaixo.

**Quadro 1 – Educação Básica por Estabelecimento público ou privado**

	Frequência	Percentual	Percentual válido
Escola Pública	18	58,1	58,1
Escola Privada	4	12,9	12,9
Pública e Privada, predominância na Escola Pública	7	22,6	22,6
Pública e Privada, predominância Privada	2	6,5	6,5
Total	31	100,0	100,0

Outro dado que caracteriza os nossos alunos é expresso pela naturalidade, pois apenas 12,9% nasceram em Sobral, sendo que 71% são oriundos de municípios da região Norte do Estado do Ceará, 6,5% deles são naturais de Fortaleza e outros 9,7% nasceram em outros estados brasileiros<sup>8</sup>. Importante destacar um número significativo de jovens que reside ou residiu na zona rural de seus pequenos municípios, representando um total de 32,2% dos casos. Ressaltamos que estamos utilizando a denominação de “zona rural” segundo o recorte das leis orgânicas municipais, muito embora reconheçamos a necessidade de um aprofundamento da discussão sobre a diferenciação entre urbano e rural baseado em teorias contemporâneas que problematizam essa questão, o que não será feito neste texto por falta de espaço.

<sup>8</sup> Nos dois casos, as licenciadas retornaram antes dos 02 anos de idade com sua família para a zona rural de municípios vizinhos.

Ao analisarmos os dados da naturalidade e local de moradia, o número de alunos que residem em municípios da Região Norte do Estado aumenta consideravelmente para 80,6%, visto que embora tenham nascido em outros estados da federação (03 casos) e na capital do Estado (01 caso), nos quatro casos os licenciados retornaram com suas famílias para pequenos municípios da Região Norte. Como veremos adiante, esse número elevado de licenciados que não residem na cidade de Sobral ocasiona um desafio maior para a formação de professores.

Em relação à escolaridade dos pais, em 16 memoriais esta não foi informada, dessa forma encontramos os seguintes dados relativos à educação das mães: 6,5% são analfabetas, 6,5% apenas lê e escreve, 12,9% possuem o Fundamental I, 3,2% possuem Fundamental II (completo e incompleto), 9,7% o Ensino Médio e outros 9,7% o Ensino Superior. A escolaridade dos pais é semelhante aos números das mães, quando estes se referem ao analfabetismo e “lê e escreve”. Entretanto, em relação ao ensino médio e ao ensino superior a escolaridade da mãe é maior que a escolaridade do pai, conforme quadro a seguir:

**Quadro II Escolaridade do Pai**

	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Analfabeto	2	6,5	6,5
Lê e Escreve	2	6,5	6,5
Fundamental I	7	22,6	22,6
Ensino Médio	2	6,5	6,5
Ensino Superior	2	6,5	6,5
Não informado	16	51,6	51,6
Total	31	100,0	100,0

É perceptível que os jovens são provenientes de famílias com baixo capital escolar, incluindo irmãos que não foram alfabetizados ou que abandonaram a escola durante o Ensino Fundamental I. A recente política de expansão e acesso desenvolvida pelos governos tem possibilitado a inserção de jovens das

camadas menos favorecidas ao ensino superior o que tem contribuído para mudar, aos poucos, o perfil dos estudantes desse nível de ensino no Brasil.

Os autores que têm se dedicado a analisar tal fenômeno chamam de “novo aluno” (BRITO et al, 2008; SILVA, 2011) ou “novos atores” da educação superior (ZAGO, 2007) os estudantes das universidades públicas cujos perfis se assemelham aos dos jovens referidos neste texto. A “novidade” é uma alusão ao fato de, historicamente, as nossas universidades públicas, sobretudo as federais, terem sido povoadas, majoritariamente por jovens oriundos das classes mais abastadas, ou seja, aqueles que cumpriram uma trajetória escolar em escolas privadas e que, portanto, tinham condições de concorrer com mais chances de êxito nas seleções para ingresso nas referidas instituições.

Carrano (2009), que analisou o estado da arte da pesquisa sobre jovens universitários no Brasil entre os anos de 1999 e 2006, atestou a ausência de trabalhos que analisassem as trajetórias escolares e biográficas dos universitários. Tal fato contribui para o desconhecimento das formas como os jovens experimentam a vida universitária após o ingresso. Nesse sentido, o autor aponta, assim como Zago (2007) a necessidade de entender a condição do universitário a partir de dentro, olhando para suas vidas antes e durante a estada na universidade. Partindo dessas reflexões é que deixaremos de lado, nesse momento, os números que ilustram o perfil de nossos licenciados e que evidenciam uma regularidade que os dados quantitativos permitem acessar mais rapidamente, mas que são insuficientes para a compreensão e interpretação dos significados e sentidos das trajetórias que iremos expor a seguir.

Eliana é filha de agricultores do município de Coreaú. Em 1986 sua família migra para o Distrito Federal, e um ano depois Eliana nasce na periférica Cidade Satélite de Samambaia. Em 1988 sua família regressa para o Ceará, agora para Sobral, no distrito rural de Ouro Branco. Nessa comunidade cursa o Ensino Fundamental I. Como lá não era ofertado o Fundamental II, seria necessário o “primeiro” deslocamento para o distrito de Rafael Arruda. Ainda criança, Eliana enfrenta o primeiro obstáculo para continuar estudando, evitando assim repetir o destino de sua mãe:

E assim como minha mãe também só pude cursar naquele pequeno lugarejo, apenas o ensino fundamental I (...) cursar o fundamental II exigiu a superação de muitas dificuldades, primeiro, porque nossos pais (meus e dos outros alunos), ficavam muito preocupados - nós, os alunos do quinto ano de Ouro Branco precisaríamos viajar sozinhos, pois, tínhamos cerca de nove anos. Era um trajeto curto, levávamos aproximadamente 15 minutos para chegarmos ao nosso destino, mas em períodos chuvosos o caminho se tornava um tanto perigoso por se tratar de "estrada de terra" (bem peculiar no meio rural), em que o ônibus utilizado para nos transportar à escola, deslizava bastante, e por muitas vezes tivemos que voltar para casa a pé. ( FERREIRA, 2011, p.4-5).

Eliana enfrentou diferentes obstáculos para assegurar o direito a educação formal, mas assim mesmo conseguiu concluir o Ensino Médio. Porém, Eliana desejava algo improvável para alguém pertencente a uma família de agricultores: ingressar no ensino superior. A adversidade maior não estava na distância territorial do município de Coreaú (apenas 52 quilômetros de Sobral), mas na distância cultural que aos poucos se estabelecia entre Eliana e sua família.

(...) Quanto mais adentrava nesse meio [escolar], menos queria desistir dele. Minha irmã mais velha, por exemplo, não teve interesse em prosseguir nos estudos, apenas concluiu o ensino fundamental I. E assim como minha mãe, casou-se ainda muito jovem, e até hoje não retomou seus estudos. Então a minha insistência na busca da formação escolar soava como uma afronta ao que meus pais tinham a oferecer. (FERREIRA, 2011, p.7).

Eliana precisou da interferência de amigos e familiares próximos para convencer seu pai a deixá-la cursar Ciências Sociais em Sobral, para seu pai o principal destino das mulheres era o casamento e para isso não era necessário um diploma. É perceptível como as relações de gênero estruturam desigualmente nossas sociedades, as estudantes mulheres, principalmente àquelas provenientes da zona rural enfrentam entraves e empecilhos oriundos do fato de serem mulheres. O caso de Eliana infelizmente não é único, pois em outros memoriais encontramos relatos semelhantes:

(...) Um dia que falei para o meu pai que as atividades domésticas poderiam ser divididas entre os meus irmãos. Meu pai me respondeu: 'o lugar da mulher é na cozinha e servindo o marido(...)' a voz mais alta na casa é do marido'. Ouvir esse discurso me causava raiva, mas respondê-lo não era uma boa ideia no momento. Um certo dia, resolvi conversar menos e

fingir que não ouvia o que eles falava, pois eu estava causando muitas brigas em casa. (SOUZA, 2013, p.14).

Mas minha família, principalmente as pessoas que são mais próximos a mim, apoiaram a minha decisão (...) Para algumas pessoas, naquele período quem morava na zona rural e queria ir estudar na sede do município, o objetivo principal não era a obtenção de uma melhor educação, mas sim a busca por liberdade (...) principalmente das mulheres, que sofriam com muitas proibições. (VIANA, 2013, p.14).

Eliana rompeu com a estratificação sexual que lhe reservava o mesmo “destino” de sua mãe e de sua irmã, mas descobriu logo nos primeiros períodos que a universidade apesar de pública exigia recursos financeiros “os textos são pagos, o transporte, o lanche, e para quem não tem emprego fixo, é bem difícil levar adiante uma formação superior pela falta de assistência estudantil”. (FERREIRA, 2011, p.9). E por isso, logo nos primeiros períodos começou a trabalhar como professora de reforço e depois como professora substituta até o quinto período quando é aprovada para trabalhar como estagiária no SESC, atuando na biblioteca como contadora de história. Foi este “trabalho” que permitiu que viesse residir em Sobral. O estágio no SESC somente foi interrompido quando Eliana é aprovada na seleção do Programa Institucional de Iniciação à Docência - Pibid, onde permaneceu até a conclusão do curso,

São trocas de vivências práticas e teóricas que nos dão a oportunidade de crescermos cada vez mais não somente enquanto acadêmicos, mas profissionalmente.

O benefício imediato que obtive foi em relação as leituras, por ter mais tempo para estudar (...) e conseqüentemente obtive mais segurança em meus posicionamentos, na maneira de me expressar, acredito que essas experiências certamente contribuem significativamente em minha atuação profissional. (FERREIRA, 2011, p.21).

Eliana afirma em seu memorial a importância de ter sido bolsista de iniciação à docência e como essa experiência contribuiu para a sua formação de professora e destaca também a remuneração da bolsa que permitiu uma maior dedicação aos estudos. Hoje, Eliana é professora da Educação Básica no Distrito Federal.

A seguir, apresentaremos a trajetória de Emília, que é marcada pelas tensões entre o rural e o urbano.

Emília é uma jovem natural do município de Mucambo-CE, que dista cerca de 55 Km de Sobral. Ela mora no distrito de Pedra de Fogo, localizado a 7 km da sede de Mucambo. Emília nasceu em 1990, pertence a uma família de agricultores, tem três irmãos e sua mãe, além de agricultora, exerce o ofício de chapeleira<sup>9</sup> e fabricante de corante de urucum (tempero também conhecido como colorau).

Oriunda da zona rural, Emília inicia seu Memorial evidenciando o lugar de origem, as festas religiosas e a sazonalidade local, demonstrando a importância da tradição e da variação climática para quem vive no sertão cearense. Revela também a dinâmica das festividades e da religiosidade para quem lida cotidianamente com o âmbito rural, pois ela é filha de agricultores e cresceu vivenciando momentos muito diferentes da intensidade dos grandes centros urbanos, até mesmo do maior referencial da região norte do estado, Sobral. A “intensificação da vida nervosa”, como afirma George Simmel, é o elemento ausente no contexto vivido por Emília, que nos mostra como é o seu lugar e suas tradições com as seguintes palavras:

É uma localidade com menos de cem (100) habitantes, que mantém as tradições dos seus antepassados, através das práticas artesanais, com a folha da carnaúba, e a religião católica é predominante, suas manifestações e práticas são lembradas durante o ano. (SOUZA, 2013, p.11).

A trajetória escolar de Emília revela algumas situações *sui generis* para uma reflexão sobre o diferencial entre ela e muitos estudantes que adentraram a Educação Superior brasileira. Emília nos revela diversos momentos de dificuldades para a sua permanência nos estudos. Destes, destaca a alimentação precária em casa e como alternativa a isto, a merenda escolar se fazia necessária. Dentre outros destaques que evidenciam as dificuldades financeiras, Emília nos conta que usava sacos de arroz e de biscoito como mochila. E ainda, nos relata a chegada da energia elétrica no ano de 2002, como fator marcante na vida dos moradores de Pedra de Fogo. Emília define esse momento com a chegada da modernidade no local, pois a partir de então, a caracterização do lugar se modificava e a paisagem ganhava novas

---

<sup>9</sup> Ofício de produzir chapéus artesanalmente. Esse ofício é muito comum na região, por ser uma produtora natural da Carnaúba, planta que fornece a palha para a confecção do produto. Essa atividade foi responsável pelo crescimento da economia de algumas cidades como Sobral na segunda metade do séc. XX, fazendo deste município um polo exportador de chapéus.

configurações, tendo a iluminação elétrica como mediadora entre o que ela chama de “velho” e “novo”. Vejamos a seguir:

Um acontecimento que não posso deixar de relatar, foi a inauguração da energia elétrica no final do ano dois mil e dois (2002). Desde as gerações mais velhas, havia a promessa dos políticos locais que a energia elétrica sairia naquele ano. E anos se passaram e os moradores perderam suas esperanças, criando assim o ditado “vai sair energia na Pedra de Fogo, quando as galinhas criarem dentes” (...) A chegada da energia elétrica, causou muita alegria e a chegada de um novo tempo na região, pois tínhamos que deixar o que era antigo para trás, e anunciar a modernidade. (SOUZA, 2013, p: 05).

O contexto narrado por Emília expõe a condição de vários municípios do nordeste brasileiro que não dispunham do serviço de distribuição de energia elétrica, até os anos 2000. Situação inimaginável para contextos urbanos e rurais de regiões brasileiras como o Sudeste, onde a definição de contextos urbanizados se dá pelo nível de tecnologização de áreas a partir da distribuição da energia e da dinamização do sistema de transportes.

Emília operacionalizava com dois “universos” para dar conta de sua vontade de saber, pois mesmo estudando e se esforçando para tanto, tinha que ajudar nos trabalhos domésticos e na obtenção da renda familiar:

Assim, me despertava o interesse pela leitura, gostava de ler o que aproximava dos meus gostos, modo de viver e pensar. Mas não sobravam muito tempo para as leituras, tinha também os horários para a confecção do chapéu, pisar corante no pilão e brincar de casinha. Nesse período, havia muitos pés de corante, e minha mãe para ganhar um dinheiro extra, vendia aos cariocas e paulistanos que vinham visitar a região. Lembro que tudo era aproveitado, eu saía pedindo os vizinhos as latas de leite Ninho, de Mingau Mucilon, Neston e manteiga e depois ia para a cacimba lavar cada lata para depositar o corante. (SOUZA, 2013, p. 9).

O trabalho foi um elemento que percorreu toda a trajetória de vida escolar de Emília. Afora, a experiência já apontada acima, ela evidencia outros momentos em que teve que se distribuir entre escola e trabalho para conseguir satisfazer suas necessidades materiais como comprar cadernos, ajudar em casa, pagar cursos de informática, tendo que fazer chapéus com a mãe e até mesmo trabalhar como empregada doméstica:

Tinha vontade de fazer um curso, mas meus pais não tinham condições para pagar, e os chapéus que vendia, não dava para

pagar. Resolvi trabalhar como doméstica, durante o ano, para conseguir pagar o curso de informática.

A minha rotina como estudante e doméstica era: acordar cinco horas da manhã, e deslocar de bicicleta para o trabalho, chegava seis horas e retornava as dez horas. Assim, as onze horas estava em casa(zona rural), no período do inverno, era frequente chegar no trabalho e em casa suja de lama e molhada. (SOUZA, 2013, p. 15).

Até a entrada na Universidade, Emília se conflitua com questões que remetem à mobilidade entre zona rural e zona urbana, demarcando uma vigorosa aversão à vida na cidade, sobretudo por conta dos estigmas criados contra os moradores das áreas rurais. Por conta disto, ela enfatiza uma apaixonada defesa pela permanência na zona rural, como afirma: “Morar na zona rural, para mim significava aproveitar o que a natureza oferecia...” (SOUZA, 2013, p. 13).

Emília entra no Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú e enfatiza ter escolhido o curso em referência como sua primeira opção, por ter um conhecimento prévio da área em virtude das aulas de Sociologia no Ensino Médio. A disciplina de Sociologia não lhe parecia interessante inicialmente e em nenhuma das séries foi ministrada por docentes formados na área. Entretanto, Emília deixa claro que a universidade não fazia parte de seus maiores objetivos pelas razões explicitadas em sua narrativa:

Na verdade, não tinha nenhuma perspectiva e vontade de estudar na universidade, pois tinha muitas barreiras que impedia isso. Meus pais não tinham condições financeiras, eu não tinha muitas roupas e calçados e o trabalho doméstico era pessimamente renumerado. Também não queria depender de ninguém da cidade. Apesar das adversidades, decidi enfrentar as dificuldades, mesmo sabendo que a universidade não oferece assistência estudantil aos estudantes de classe trabalhadora. (SOUZA, 2013, p. 19).

A vida universitária demandou mais diferenciais, que são apontados enquanto desafios e aprendizados, os quais definiram o rumo de Emília enquanto discente e na sua preparação para a carreira docente. Mas as dificuldades foram muitas e sua permanência teve como principais motivadores a solidariedade dos companheiros de turma e a Bolsa de Iniciação Científica. E como outros estudantes, Emília não teve o apoio da família e nem dos amigos, por se tratar de um curso desconhecido eles.

Antes de concluir o Curso, foi selecionada para lecionar Sociologia na escola onde fez o Ensino Médio. A experiência enquanto docente fez Emília refletir sobre os desafios da carreira e as limitações e problemas das escolas públicas. Para além de apontar os desafios com a docência especificamente, outra abordagem significativa foi feita sobre a disciplina de Sociologia e seus limites que dizem respeito à restrita carga horária, falta de interesse por parte dos alunos da educação básica e encontrar uma metodologia de trabalho que atraísse a atenção desse público para os conteúdos da disciplina. Conforme Emília,

Lidar com os problemas que havia não eram fáceis, mas o meu objetivo era formar alunos que soubessem questionar a realidade e o cotidiano que vivem. Para atingir esse objetivo era fundamental conhecer os alunos, suas percepções de mundo, desejos, gostos, estilo e modos de vida. Mas era impossível conhecer a realidade de 786 alunos. Uma das primeiras iniciativas, não levar tudo ao pé da letra, ser flexível é importante, já que o que acontece em sala é imprevisível. E aprendi a dar aula com as minhas falhas, as várias situações constrangedoras que ocorreram em sala. O domínio do conteúdo sem a suposição que sabe tudo e a criatividade são fundamentais para o ensino. (SOUZA, 2013, p. 31).

A prática docente antes mesmo de concluir o Curso é comum no Ceará devido à política de precarização imposta pelo Governo do Estado, que não prioriza a realização de concursos públicos para a efetivação de professores e contrata os chamados “professores temporários” para exercer a função sem planejamento e sem melhores condições de trabalho para aqueles que se submetem a isto por conta da remuneração, que não é a desejável, mas se torna melhor diante de outras opções de trabalho. Emília aponta a prática com seus imponderáveis e a depender da realidade do público atendido, o professor de Sociologia deve relativizar bastante os seus saberes e seus padrões de intenções, tendendo a contextualizar o ensino para que atinja seus objetivos.

A análise de Emília revela a importância da formação de professores que privilegie a reflexão permanente sobre a prática docente, a criatividade e o compromisso ético e político que se constituem como fundamentos da atuação docente. Destarte, buscaremos no item seguinte evidenciar os desafios da formação do professor de sociologia na região norte do Ceará.

### **Como e Por que ser ou não ser Professor de Sociologia**

O curso de Ciências Sociais da UVA possui atualmente 396 alunos, dos quais 221 estão matriculados na licenciatura e 175 no bacharelado.

Partindo de um amplo diálogo com os movimentos sociais e algumas entidades do poder público da região, o Projeto Político Pedagógico (PPP) elaborado para a criação, em 1998, do curso, incluindo as duas modalidades de formação (licenciatura e bacharelado), buscava atender a demanda sócio-profissional em torno da especificidade da formação do cientista social e das demandas de docentes nessa área.

A proposta elaborada à época, já reformulada três vezes<sup>10</sup>, tem como princípios norteadores a interdisciplinaridade, primando pelo diálogo fecundo entre as três áreas específicas das ciências sociais (sociologia, antropologia e ciência política) e destas com outras disciplinas do campo das humanidades e das ciências sociais. Dentre os objetivos do curso está o de formar profissionais comprometidos com o desenvolvimento da região norte do Ceará, a partir de uma compreensão crítica dos modelos de desenvolvimento ali adotados.

Na modalidade licenciatura, mais especificamente, o trabalho realizado com os licenciandos atualmente está pautado

- 1) pela preocupação com a qualidade da educação, na qual a habilitação e capacitação docente se constituem enquanto condições necessárias; 2) pela importância da pesquisa em Ciências Sociais enquanto recurso primordial para a qualificação do Licenciando, tendo em vista que a pesquisa é a chave da formação nas Ciências Sociais por consistir o seu próprio exercício profissional enquanto docente, pesquisador e técnico. (UVA, 2010, p. 08).

Ao longo dos 15 anos de existência do curso, muitos desafios têm acompanhado sua trajetória. Dentre eles, citamos aqui as condições adversas impostas por uma universidade pública do interior que padece ano a ano com a falta de zelo e o descaso do governo estadual<sup>11</sup> e o próprio perfil dos alunos

---

<sup>10</sup> A última reforma curricular foi realizada em 2010. O PPP de 2010 começou a vigorar no primeiro semestre de 2011 e, por isso, nenhum aluno que ingressou na nova matriz curricular concluiu o curso até o momento. Assim sendo, todos os licenciandos tratados neste paper ingressaram no curso na matriz de 2006.

<sup>11</sup> Para ilustrar parte dessa precariedade, atualmente somos 14 professores, 10 efetivos e 04 substitutos para duas modalidades: licenciatura e bacharelado.

que, como visto anteriormente, requer dos professores o diálogo com uma condição estudantil específica, como veremos a seguir.

Analisando os escritos dos alunos, levantamos que boa parte deles ingressou no curso após várias tentativas frustradas de entrar em outros cursos de graduação da UVA ou de outras IES de Sobral. Portanto, cursar Ciências Sociais não constituiu uma opção, mas uma contingência. É o que revelam os depoimentos:

Como muitos, tinha o sonho de passar no vestibular, então me inscrevi no curso de Administração da UVA, influenciada pela família que era envolvida no comércio. Não passei. Tentei para outro curso na Universidade Federal do Ceará (UFC), psicologia, mas também não obtive êxito. Na terceira tentativa, no ano de 2007, escolhi o curso de Ciências Sociais – Licenciatura e, finalmente, tive boas notícias com o resultado. Confesso que o principal motivo de ter escolhido o curso de Ciências Sociais foi não me identificar com as matérias de cálculos, e porque gostava de brincar de escolinha na infância com minhas vizinhas em casa. (ALVES, 2012, 11-12).

No ano de 2007, após duas tentativas frustradas, consegui ingressar na universidade. Um momento de verdadeira euforia, marcado por uma comemoração com os amigos. Ao descobrir que havia sido aprovado no vestibular para Ciências Sociais – Licenciatura, pela UEVA, que iria “entrar” na faculdade, me deparei com um sentimento único, uma felicidade indescritível acompanhada de certo medo. Mas o que eram as “Ciências Sociais”? Do que tratava esse curso? Esses eram alguns dos questionamentos mais freqüentes em minha mente. [...]O “mais importante” era ingressar em uma faculdade, e confesso que eu fui um desses. Entrei no curso de Ciências Sociais com pouquíssimas informações sobre ele. (DAMASCENO, 2011, P.14).

Terminei o 3º ano no ano de 2002 e logo em seguida, em 2003.1, prestei vestibular para Educação Física na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, pois me identificava com o curso, por conta de sempre ter gostado de praticar esportes. Não consegui passar na prova. Tentei por mais duas vezes seguidas para o mesmo curso e não consegui. [...] No ano de 2005.2 tentei novamente a prova de vestibular e não passei [...] Quando em 2006.1 abriram as inscrições para o vestibular, desisti do que iria fazer e resolvi me inscrever para o curso que tivesse a menor concorrência e no caso eram Ciências Sociais com licenciatura plena em Sociologia. Não conhecia nada do curso, mas caso passasse tinha como objetivo tentar a transferência para outro curso que me interessava. Fiz a prova e alguns dias depois obtive o resultado de que teria passado em sexto lugar em uma colocação de 20 vagas. (VIEIRA, 2011, p.17-18).

Os poucos que optaram conscientemente por cursar ciências sociais o fizeram por incentivo do professor de sociologia que tiveram no ensino médio.

O principal motivo que me fez escolher o curso de Ciências Sociais foi o fato de gostar bastante da disciplina de Sociologia, e ter sido inspirada na então professora dessa disciplina que

me incentivou e influenciou muito nessa escolha, e também por que eu sempre tive interesse nos fatos sociais, e nos assuntos que dizem respeito à relação entre as pessoas e a sociedade. (COSTA, 2012, p.21-22).

"O professor sempre me incentivou para que eu fizesse vestibular para Ciências Sociais. O terceiro ano do Ensino Médio foi muito decisivo para mim, pois foi nessa época que tive contato com o que realmente era o ensino de Sociologia, através do professor Lauro José Prestes. Fiz vestibular para Ciências Sociais e fui aprovado. (CARNEIRO, 2011, p..13-14).

Como dito anteriormente, a grande maioria dos estudantes do curso é oriunda de outros municípios da região e para cursarem a universidade enfrentam deslocamentos diários (de seus municípios de origem até Sobral) que chegam a durar até quatro horas (ida e volta). As memórias das viagens aparecem nos memoriais como parte importante das suas trajetórias acadêmicas, seja para enfatizar a dimensão sacrificante de ser universitário nessas condições ou para ressaltar o aprendizado oriundo das vivências com os outros ao longo do espaço/tempo das viagens.

O desejo de ter uma formação acadêmica é o primeiro motor que nos faz enfrentar os desafios de frequentar a universidade, principalmente para aqueles que moram em outras cidades. Muitos universitários residentes no interior vêem sua formatura como um grau de superação maior. Ônibus super lotados, horas de viagem, fome, sono e uma diversidade de perigos que nos circundam ao regressar para casa à noite. (ALVES, 2012).

Todos os dias, de segunda-feira a sexta-feira, lá estava eu pegando o ônibus rumo à universidade. Lembrando que Acaraú fica a aproximadamente cento e dez quilômetros (110 km) de Sobral, ou seja, fazendo um cálculo rápido, eram aproximadamente duzentos e vinte quilômetros (220 km) por dia, mil e cem quilômetros (1.100 km) por semana e quatro mil e quatrocentos quilômetros (4.400 km) percorridos por mês. Durante esse período eu passava mais tempo viajando, quatro horas (04hs) diárias do que na sala de aula, já que as aulas duravam mais ou menos três horas (03hs).

Essa enormidade de tempo dentro dos ônibus rumo à universidade marcou minha vida de universitário, é impossível esquecer-se de fatos como os aniversários a bordo do ônibus, onde, apesar da dificuldade de cortar o bolo e encher os copos de refrigerante sem derrubar tudo, devido aos buracos na estrada, eram momentos extremamente agradáveis para mim e meus colegas, uma verdadeira festa sobre rodas.

Outro fato que marcou minha vida de "viajante universitário" foram as discussões, acercados mais variados temas, que eram travadas durante as viagens. Imagine um grupo de universitários, das mais

distintas áreas, discutindo dentro de um ônibus questões que ia desde política, ciência, filosofia até futebol e novela. A única certeza que alcançávamos era que nunca havia consenso sobre nenhum ponto discutido, esses momentos foram importantíssimos, inclusive para minha formação intelectual, aprendi bastante naquelas noites.

(FERREIRA, 2012)

O curso de ciências sociais da UVA é noturno e o fato de virem de outros municípios significa que esses jovens só podem frequentar a universidade no horário das aulas, ficando impedidos de vivenciar de forma mais intensa e completa o período dos estudos universitários, participando de projetos de pesquisa e extensão e aproveitando as bibliotecas e demais espaços acadêmicos oferecidos pela universidade. Comparando os relatos dos que passaram toda a graduação viajando com os dos que moram em Sobral, percebe-se a diferença existente entre essas duas categorias de estudantes no que se refere à fruição da universidade. Tal diferença nos mostra que, como afirma Batista (2011), “existe desigualdade social tanto nas condições de acesso ao sistema educacional quanto nas condições de permanência”. (BATISTA, 2011, p.03)

Outro fator interessante é que a maioria dos memoriais analisados apontou que boa parte desses jovens constitui a primeira geração de universitários da família. Famílias essas das quais os pais muitas vezes não chegaram a concluir sequer o ensino fundamental. É o caso de Eliana e Emília cujas trajetórias reconstituímos na primeira parte deste artigo. Antes de ser uma especificidade dos egressos do curso de licenciatura em ciências sociais da UVA, o perfil levantado por nós parece ser uma tendência nacional entre os professores de sociologia do Ensino Médio. Especialmente aqueles que são formados em universidades localizadas em cidades que são pólo de determinadas regiões, como é o caso de Sobral e de Campinas, em São Paulo. Lennert (2012), por exemplo, em pesquisa realizada com onze (11) professores de sociologia de escolas públicas de Campinas, verificou que a grande maioria deles (09) é oriunda de famílias de baixa renda cujos pais não chegaram sequer a completar o ensino fundamental. Dez dos entrevistados nessa mesma pesquisa foram os primeiros da família a acessar a educação superior.

Os referidos apontamentos sobre o perfil desses formandos leva a refletir sobre os desafios à formação de professores de sociologia para a educação básica no contexto da UVA. O primeiro desafio é o da construção nos formandos de uma identificação com o curso, já que este não constituiu a primeira opção de muitos deles quando da escolha da graduação. O segundo desafio é o de ajudá-los a desenvolver um *habitus* acadêmico que inclui, entre outras coisas, o gosto e a disposição para a leitura de textos acadêmicos imprescindíveis à formação do professor de sociologia.

Em seu memorial, Iamara Vieira traz um interessante depoimento para pensarmos os dois primeiros desafios, bem como nos dá pistas sobre as atividades que levam os alunos a construírem essa identificação:

Durante todo esse processo foram muitos os desafios, entre eles destaco também a dificuldade que senti no início do curso de Ciências Sociais, por conta de não conhecer a realidade e os verdadeiros propósitos. Depois vinham os comentários sobre a falta de oportunidades na área, exigências de muitas leituras e eu não gostava de ler, tudo isso me causou desinteresse e pensamentos de desistir, mas continuei.

Com o passar do tempo e o aprofundamento na fundamentação teórica do curso, passei a me interessar mais, apesar de ainda não me identificar, aos poucos fui percebendo a importância do mesmo, as pesquisas etnográficas e os estranhamentos passaram a ser interessantes para mim.

Realizei pesquisas em instituições religiosas, escolares, entre comunidade de trabalhadores e tudo isso foi despertando interesse e percepção sobre a importância deste processo para minha formação, juntamente com as teorias e os trabalhos realizados para os professores [...] Com estas práticas minha visão de mundo passou a ser diferente, passei a exercitar as minhas opiniões, coisa que não fazia antes, com visões mais críticas, era muito travada em relação a escrever ou expor meus pensamentos, percebendo a realidade que está à nossa volta e suas problemáticas. E, além de tudo, descobri a grande importância que a Sociologia tem entre os indivíduos e na sociedade. (VIEIRA, 2011).

Oriunda de uma formação básica realizada majoritariamente em escolas públicas, Iamara, assim como outros jovens do nosso estudo, revela que “trajetórias de escolarização em escolas públicas e periféricas impedem ou atrapalham a consolidação dos saberes considerados básicos, inclusive para a superação do vestibular das universidades públicas.” (ROSISTOLATO, 2011, p.03).

Como terceiro desafio está o desenvolvimento e acompanhamento dos estágios (obrigatórios à formação de professores em qualquer área). Sendo oriundos de outros municípios, os estudantes optam por fazer seus estágios

em escolas próximas a eles e distantes da sede da universidade, o que se torna um obstáculo para os docentes encarregados de acompanhar os estágios, já que precisam se deslocar aos municípios de origem dos alunos sem que a própria universidade ofereça condições para isso. A oferta de transportes na UVA é insuficiente para suprir a demanda de acompanhamento dos estágios em todas as licenciaturas que a Instituição oferece. Diante disto, resta aos docentes deslocarem-se em seus próprios veículos ou custear as passagens de ônibus para ir ao encontro dos estagiários para assistir pelo menos uma das intervenções dos estagiários nas escolas.

Um quarto desafio é, como consequência dos processos de estágio, ocasião em que se aproximam do ambiente escolar e da prática pedagógica dos professores de sociologia do ensino médio, provocá-los no sentido de decidirem se querem ou não, de fato, dar aulas de sociologia em escolas e, se o querem, que tipo de profissional/educador querem ser.

Diante do exposto, é importante também contextualizar o ambiente político e educacional em que a nossa reflexão se insere: o ensino universitário brasileiro pós políticas de expansão da educação superior levadas a cabo pelos governos a partir da segunda metade dos anos 1990 que, com as prerrogativas da expansão de vagas, mais do que necessária, nesse nível de ensino e da justa inclusão das classes trabalhadores nas universidades públicas tem contribuído para mudar e diversificar, cada vez mais, o perfil dos universitários brasileiros, desafiando-nos a pensar, para além das políticas de acesso, políticas de permanência dos jovens das camadas menos favorecidas na universidade. O que nos leva também a pensar a articulação entre educação básica e educação superior de modo a fazer com que as políticas de inclusão dos jovens das escolas públicas nas universidades brasileiras provoquem um amplo debate sobre a qualidade do ensino ministrado nas escolas públicas, debate este que deve reverberar em ações práticas voltadas para a melhoria da qualidade em todos os níveis de educação.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Tatiane Cunha de Araújo. *O ensino de sociologia no Município de Graça – Ceará*. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2012. Memorial de Formação

BATISTA, Neusa Chaves. *O professor das licenciaturas e o Direito à educação para todos*. 2011. Disponível em: <http://alas-sociologia.org/anais/>

BERGER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. 28ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. 6ed. Campinas: Papyrus, 2005.

CARRANO, Paulo. Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPÓSITO, Marília. *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volume 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

Damasceno, Francisco Welton Gomes. *Memorial de formação*. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2011. Memorial de Formação

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1995.

FERREIRA, Eliana Costa. *Ciências Sociais: relatos de um percurso acadêmico*. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2011. Memorial de Formação

FERREIRA, Lucas Eduardo. *Fundamentos e metodologias do ensino de sociologia no nível médio: Análise a partir da experiência do Liceu de Acaraú- CE*. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2012. Memorial de Formação

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. *Destinos Improváveis: trajetórias de jovens egressos de uma experiência de arte-educação*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará (UFC), 2006. Tese de Doutorado.

HANDFAS, Anita. Formação dos professores sociologia: um debate em aberto. IN: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa (Orgs.). *Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. 1ªed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

JARDIM, A. P; OLIVEIRA, O.F. Prefácio. IN: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa (Orgs.). *Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. 1ªed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

LENNERT, A.L. Algumas reflexões acerca da formação de professores de sociologia a partir de dados estatísticos e trajetórias pessoais. IN: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa (Orgs.). *Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. 1ªed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

MELO, Celso Rodrigues de. *Memórias de um aprendiz de professor: reflexão e uma auto-avaliação sobre a minha formação acadêmica*. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2011. Memorial de Formação

MILLS, W. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de Formação – quando as memórias narram a história da formação. s/d. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/14822143/785779480/name/Texto%2Bde%2BGuilherme%2Be%2BRosaura%2Bsobre%2Bmemorial.pdf>.

ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. *Juventudes populares: limites e possibilidade de acesso ao ensino superior*. 2011. Disponível em: <http://alas-sociologia.org/anais/>

SILVA, Vanessa Juliana da. O novo universitário no contexto da expansão e interiorização da universidade pública no Brasil. In: Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba, 2011. Disponível em: [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=2442&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2442&Itemid=171).

SOUZA, Emília Alves de. *Entre espaços, memórias, relatos e estranhamentos: a construção da imaginação sociológica*. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2013. Memorial de Formação

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UVA). Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Sobral, 2010.

VIEIRA, Iamara Mirelli Silva. *Reflexões acerca da relação Professor-Aluno no ensino de sociologia a partir da trajetória educacional e das experiências como estagiária*. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2011. Memorial de Formação

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais: Parte 2*. 2ed. São Paulo/Campinas, Cortez/UNICAMP, 1995.

ZAGO, Nadir. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. IN: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.